

## **HISTÓRIAS NARRADAS PELA PALAVRA DO GESTO**

Jalmiris Regina Oliveira Reis Simão

Recebido em: 04 set. 2013

Aprovado em: 17 dez. 2013

\* Mestranda em Educação pela Faculdade de Formação de Professores – FFP, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: jalmiris.reis@gmail.com

E aqueles que foram vistos dançando foram julgados  
insanos por aqueles que não podiam escutar a música.  
Friedrich Nietzsche

Resumo: Neste texto trago narrativas de algumas experiências na Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública de Belo Horizonte. Desafiando o que estava posto e já sabido, a equipe pedagógica propôs e criou projetos que fossem na contramão de práticas escolares que privilegiavam o “não movimento”. Reflexões sobre o conceito da instituição escola como único espaço de ensino e aprendizagem, bem como a ação docente, o modo de ser educador e educadora e o currículo proposto conduziam a estas práticas.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Projetos pedagógicos. Dança e movimento. Cotidiano e currículo.

## **STORIES NARRATED BY WORD OF GESTURE**

Abstract: Here I report some of the experiences on the Education of Young and Adults of a public school in Belo Horizonte. Defying what was already known, our staff suggested and created projects that point in oppsite direction of school practices that privilege the “no movement”. Reflections on the institutional character of school as the only context of learning, as well as teacher behaviour, the manner of educating and the proposed curriculum led to these practices.

Key words: Education of young and adults. Pedagogical projects. Dance and movement. Everyday and curriculum.

Narro neste texto experiências da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na perspectiva de Larrosa (2002, p. 21) ao dizer que uma experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Narro alguns modos de fazer e de **reconhecercriar**<sup>1</sup> conhecimentos no cotidiano, como diz Alves (2008), muitas vezes diferindo do pensamento cientificista hegemônico difundido na modernidade. Intento, com o auxílio de imagens, desenvolver reflexões sobre aquilo que cada praticante<sup>2</sup> “traz consigo ao enfrentar a jornada da vida” (OLIVEIRA; SGARBI, 2008, p. 104). As imagens também são narrativas que, como o texto, não são apresentadas numa ordem cronológica rígida. A intenção das fotografias, que são do meu arquivo pessoal, é ajudar a desinvisibilizar alguns conhecimentos e sujeitos. Nesta perspectiva, algumas legendas não foram inseridas.

Na Escola Municipal José Maria dos Mares Guia, em Belo Horizonte (EMJMMG), fiz parte de uma equipe pedagógica de EJA comprometida com a educação de qualidade e preocupada com a especificidade do público da modalidade. Uma equipe que desafiava o que estava posto e já sabido, propondo e criando projetos que fossem na contramão de práticas escolares que privilegiavam o “não movimento”, como também questionando o conceito da instituição escola como único espaço de ensino e aprendizagem, bem como a ação docente, o modo de ser educador e educadora e o currículo proposto. Como rede de sujeitos e validando o “saber/fazer/pensar/sentir/estar no mundo”, criticando a “razão metonímica e arrogante”, valorizando as experiências criadas por outras formas de “pensar e estar no mundo” (OLIVEIRA, 2012, p. 24), buscamos o potencial emancipatório das propostas pedagógicas.

A partir da convicção de que as palavras produzem sentido e criam realidades, narro estas experiências e me narro, pois as palavras fazem coisas conosco (LARROSA, 2002, p. 21). Pensando a partir de minhas palavras para além do raciocínio, do cálculo, do argumento como fui ensinada em alguns momentos, busco dar sentido ao que sou e ao que me acontece como educadora de uma modalidade educativa frequentemente deixada de lado ao longo de sua história, sempre tão densa quanto tensa. Faço um recorte em dois projetos pedagógicos

---

<sup>1</sup> Utilizo neologismos com a justaposição de palavras para dar conta com maior ênfase do que desejo transmitir e “possui o sentido de mostrar consciência de uma superação de limites da nossa formação, no contexto da ciência moderna dominante, onde as dicotomias e certezas não são suficientes para entender a multiplicidade de sentidos nos/dos/com os cotidianos.” (ALVES, 2008).

<sup>2</sup> Como Certeau (1994) denomina os sujeitos de um determinado cotidiano.

desenvolvidos sob minha coordenação, indubitavelmente criações coletivas da equipe. O primeiro denominava-se Tecendo a Nossa História, efetivado por dez anos, e o segundo, o Projeto Let's Dance, efetivado por oito anos. Faço também reflexões e apontamentos sobre os sujeitos da EJA, sobre a imobilidade e a disciplina na escola sem, contudo, intentar esgotar os temas, mas buscando contextualizar a construção e efetivação dos projetos citados.

Foto 1 – Imagens narrativas.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 2 – Imagens narrativas.



Fonte: Arquivo pessoal.

## APRENDENDO E ENSINANDO UMA NOVA LIÇÃO...

O Projeto Tecendo a Nossa História, por uma década, teve a participação de um grande número de estudantes da EMJMMG. Era planejado anualmente, abordando temas específicos que dialogavam com a atualidade. Várias atividades interdisciplinares desenvolvidas e a culminância eram aulas in loco, sobre os fatos estudados, em sua maioria, em cidades históricas.

Ouro Preto-MG foi a primeira a ser excursionada e o que se repetiu por mais duas vezes ao longo do projeto. A cidade é um verdadeiro museu a céu aberto, patrimônio cultural da humanidade, concentrando grande parte da história mineira da época da colonização. Para maior compreensão dos temas de estudo foram criados subprojetos assim denominados: A Estrada Real, Os Quilombos de Minas e Tecendo a História nos Trilhos do Trem.

Foto 3 – Excursão Diamantina. Estrada Real – Caminho dos Diamantes. Aula in loco, professores de Geografia e Ciências no mirante da cidade.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

O Projeto Tecendo a Nossa História privilegiou a experiência em outros espaços a socialização com outros sujeitos, possibilitou a interdisciplinaridade, o movimento, a saída da escola e da sala de aula, favorecendo a tessitura do conhecimento em rede, principalmente por ampliar os **espaçostempos** de aprendizagem (ALVES, 2008, p. 42).

Foto 4 – Excursão Diamantina – MG. Estrada Real – Caminho dos Diamantes.



Fonte: Arquivo pessoal.

As fotografias neste texto são mais que apenas ilustrações destas práticas educativas. Vejo-as como documentos da emoção daqueles e daquelas que delas participaram, como “artifícios de trazer sujeitos reais, situações concretas e aspectos do contexto” (AMORIM, 2005, p. 113) para minha escrita, desejando expressar o mais fidedignamente possível o cotidiano da educação de jovens e adultos da EMJMMG. A imagem fotográfica me auxilia na “narrativa das experiências cotidianas vividas, com suas magias, ocultações e revelações, suas múltiplas facetas de leituras e proposições que levavam ao gesto de fotografar.” (GONÇALVES, 2013, p. 33).

Foto 5 – Excursão Niterói – Visitas a obras de Oscar Niemayer. Estrada Real – Caminho Novo.



Fonte: Arquivo pessoal (2007).

Foto 6 – Excursão Serra da Mantiqueira. Passo Quatro – MG. Estrada Real. Caminho Velho.



Fonte: Arquivo pessoal (2004).

Entendendo que não há uma única forma de conhecimento válido (SANTOS, 1995), fica claro que muitas experiências que surgem na complexa rede de interações do cotidiano constituem aquilo que realmente é significativo para os sujeitos da EJA. A interação entre praticantes e pensantes do cotidiano contribui para efetivação de práticas educativas que nem sempre estão contempladas pelos currículos propostos. A criação curricular cotidiana abarca, segundo Oliveira (2012, p. 103), um possível caráter emancipatório que se inscreve na

compreensão da emancipação social como um processo político e epistemológico, por meio do qual conhecimentos e culturas, bem como temporalidades, escalas e modos de produção hoje subalternizadas, e mesmo tornados inexistentes reaparecem como possibilidades válidas de compreender o mundo, de nele estar e sobre ele agir.

A vida cotidiana na escola não pode passar despercebida, como afirma Azanha (2011). Os pequenos episódios que a compõem, aparentemente atípicos, denotam a efetivação de um currículo praticado distante daquele proposto e imposto, sem a devida participação daqueles e daquelas que são os praticantes pensantes do cotidiano. O imenso fluxo de episódios pode desaparecer se não forem registrados, considerados, desinvisibilizados. Por isso, ao verificar o que se passa no cotidiano escolar precisamos ir além da simples sugestão de que a ignorância da vida cotidiana das escolas é uma falha, e argumentar no sentido de estabelecer a relevância do conhecimento da cotidianidade para o conhecimento do homem geral

[...] Em outras palavras, é preciso que elucidemos as razões do interesse que pode ter para as ciências humanas e a filosofia o estudo dessa **miríade de gestos** (grifo nosso), palavras, pequenos episódios, enfim, desses fatos **sansprestige** que, no dizer de Lefebvre, constituem a própria substância do cotidiano. (AZANHA, 2011, p. 61).

Diante da “miríade de gestos” que declaram as histórias de vida e as emoções da vida, comecei a me ver **desconfiando estranhando** a falta de atividades corpóreas artísticas e esportivas sistemáticas para os jovens e adultos, a não serem poucas “peladas de futebol”, que ocorriam no intervalo das aulas, das quais mais jovens que adultos e idosos participavam, além de excluírem as jovens e as senhoras adultas.

Estar na sala de aula, nas carteiras escolares, se tornou um modo de ser estudante da EJA. Quando alguém se levantava e se movimentava era logo apontado como inquieto por “atrapalhar a aula”, tanto pelos colegas ou quanto por professores(as). E assim era Paula (nome fictício): uma jovem que durante a aula se levantava e andava pela sala buscando conversar com um ou outro colega da turma, pedindo ajuda na resolução das atividades, propondo trabalhar em conjunto com alguém. Solicitava sua saída da sala frequentemente para beber água ou alegando outros motivos.

Foto 7 –Sala de aula da EJA – EMJMMG. (Paula não se fixava por muito tempo na sua carteira escolar. Uma subversão da ordem, uma tática certauniana encontrada por ela e outros praticantes do cotidiano).



Fonte: Arquivo Pessoal (2007).

Alguns dos colegas de sala não simpatizantes com as ações Paula e de outros e outras, que como ela subvertiam as normas taticamente, consideravam a carteira ou sala de aula seu legítimo lugar na escola e não raras vezes verbalizavam que qualquer atividade fora da sua carteira ou da sala de aula era “perda de tempo”. Aceitando a imobilidade na escola como uma disciplina dita necessária, onde o movimento funciona como prêmio (ir ao “recreio”, as aulas de educação física, ir a excursões, por exemplo) aderem à ideia de que estar “quieto” é característica do “bom aluno”.

A instituição escolar, que deveria ser o lugar de inclusão por excelência, herdou uma disciplina hierárquica e excludente, com a dicotomia mente-corpo. As ideias cartesianas lineares apontam para as raízes deste pensamento segmentador e discriminante. O corpo a ser disciplinado era assim descrito pelo racionalismo de Descartes, que considerava o intelecto como fonte de todo conhecimento. Muitas propostas pedagógicas ainda são definidas pelo pressuposto “penso, logo existo” que é a máxima do pensamento racionalista e é exigido nos “processos de transmissão/apropriação de conhecimentos via razão” apenas “mentes atentas e corpos paralisados” (TIRIBA, 2008, p. 3). Isto porque o corpo é desconsiderado e/ou controlado, como nas práticas descritas por Foucault (1979, p. 126).

A ordenação por fileira, no século XVII começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos nas salas, nos corredores, nos pátios; [...] determinando lugares individuais (a organização de um espaço serial) tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo e da aprendizagem. Fez funcionar o espaço como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar.

As tentativas que se tornam ações habituais de emudecimento do gesto no cotidiano da EJA negam a expressividade e a linguagem destes gestos, delineando corpo passivo, disciplinado, obediente que é o perfil ideal de estudante e de processo educacional.

Para Carvalho (2006), excluir o corpo das atividades escolares é descorporificar o sujeito aprendente, que pode passar a desconsiderar o próprio corpo nas relações com os demais saberes socialmente construídos e as múltiplas possibilidades de movimentos. Os estudantes, ao rejeitarem qualquer experiência que não seja ler e escrever, assentados nas salas de aulas, atuam

como se houvesse uma vigilância panóptica interiorizada, visto que no cotidiano da escola movimentar-se muitas vezes é identificado como desacato à ordem estabelecida.

Na visão hegemônica de escola, o movimento e o corpo aceitos e relacionados ao processo ensino-aprendizagem são somente os da prontidão para alfabetização e o movimento como sinônimo de esporte. Na visão propedêutica, as formas de pensar estão associadas ao campo das estratégias<sup>3</sup>. Uma visão que aponta para a padronização para alcançar a prontidão não admite as possibilidades diferentes e reforça os estereótipos (CARVALHO, 2006). Opostamente, com o movimento sendo parte do processo ensino-aprendizagem, identificam-se possibilidades de desenvolvimento da corporeidade. Este é o campo das táticas (CERTEAU, 2002).

No coletivo da EMJMMG borbulhavam ideias que pudessem atender aos sujeitos da EJA, não sob a ótica da carência, da exclusão ou da visão de serem os jovens e adultos portadores de trajetórias escolares com lacunas, mas como sujeitos de direitos, sujeitos que são resultado da escola brasileira, que, segundo Paiva (2009, p. 149), os expulsa por que eles não conseguem encontrar nela as “respostas para o que buscam” ou por não conseguirem aprender. E são excluídos também socialmente por meio de “preconceitos, rótulos, discriminações, tanto étnicas, quanto sociais e de gênero”, segundo a autora. Assim, foram planejadas “Aulas Temáticas e Profissionalizantes” que favoreciam o movimento e a utilização de diversos espaços da escola. Nelas, os estudantes escolhiam antecipadamente a aula da qual iriam participar e se dirigiam ao local especificado a cada semana. A saída das salas era um momento realizado por muitos com descontentamento, e não comparecer à escola no dia programado para a realização da atividade se tornou a opção daqueles que desejam manter o jeito de ser estudante da EJA: em sua sala de aula, em sua carteira escolar.

---

<sup>3</sup> São assim denominadas por Certeau “as ações e concepções próprias de um poder, de um instituído, na gestão de suas relações com seu ‘outro’, os sujeitos reais, a princípio submetidos a este poder, mas desenvolvendo ações instituintes. (OLIVEIRA, 2008).

Foto 8 – Imagens narrativas.



Fonte: Arquivo pessoal.

## DANDO VOZ E VEZ À “MIRÍADE DE GESTOS” NA EJA

Em dias que antecediam o oito de março, Dia Internacional da Mulher, eram realizados preparativos para homenagear as mulheres de nossa comunidade escolar. Tudo sempre preparado e planejado com muito carinho e grande ênfase, pois as nossas estudantes são jovens, mães, trabalhadoras que, ao retornarem para a escola, colocavam nos estudos seus sonhos e desejos de vidas melhores.

As estudantes eram empregadas domésticas ou trabalhadoras com pequenos salários. Muitas delas deixavam seus filhos menores com os outros um pouco mais velhos, para garantir o sustento da casa. Algumas eram arrimos de família, outras cuidavam de sua casa e filhos, e nunca tiveram oportunidade de se empregar. Outras mais jovens ainda viviam sem a experiência do primeiro emprego.

Para o evento, discussões sobre a valorização da mulher ocorriam com a preparação de músicas, poemas, textos, porém, meu desejo era construir algo que fizesse parte da homenagem utilizando outra linguagem: a linguagem corporal, a dança. Era de uma homenagem diferente das usualmente realizadas na escola, ressaltando a beleza que cada uma dessas “Marias” (como canta Milton Nascimento) carrega em si através de gestos.

Reuni-me com um grupo de estudantes e após realizar a proposta de construir uma coreografia, que foi aceita com empolgação, escolhemos a canção para compor a fala do corpo. Além do dito pelas palavras e cantado numa melodia, queríamos que houvesse outra forma de expressão na declaração: que fosse usada oportunizada à fala do corpo, com sua “miríade de gestos” possíveis; que o corpo falasse, cantasse, se declarasse nessa forma de comunicação dos sentimentos e da emoção.

Preparativos, ensaios, conversas, e no dia 08 de março um grupo de alunas com fitas de papel na cor lilás nas mãos, apresentou uma coreografia simples, mas que transmitiu em movimentos corporais a mensagem: **Você é linda demais!**

Eram alguns, apenas alguns da “miríade de gestos” possíveis que retratavam a história de vida gravada nos corpos emudecidos das alunas da EJA, pela rudez dos preconceitos quanto à idade, ao padrão corporal e ao espaço onde deveriam estar circunscritos.

Foto 9 – Coreografia apresentada no Dia Internacional da Mulher.



Fonte: Arquivo pessoal (2004).

Os presentes, ao verem as senhoras, mães e jovens dizendo a si mesmas e às outras o quanto eram lindas, amadas e queridas, se comoveram. A mensagem foi transmitida e realmente não haveria melhor linguagem para fazê-la. Sorrisos e lágrimas discretas se fizeram presentes em meio aos aplausos. Foi alcançado o nível de homenagem e comunicação que extrapolava a expectativa do possível para aquelas estudantes de uma escola noturna.

Desta maneira nascia o Projeto Let's Dance na EMJMMG. Inicialmente direcionado aos jovens e adultos, depois estendido aos estudantes do turno diurno, o projeto se revelou, ao longo dos anos, favorecedor de uma educação que rejeita os padrões compensatórios e supletivos da EJA, praticados hegemonicamente, pois a expressão corporal e a dança, como área de conhecimento de Artes e conteúdo de Educação Física, fazem parte de documentos<sup>4</sup> que orientam a construção de propostas curriculares nacionais. Carvalho (2006, p. 15) me ajuda a pensar em sua possível contribuição para a “tessitura dos processos educacionais e societários” que pudessem potencializar “a vida – individual e coletiva – em toda sua plenitude e multiplicidade” a partir das avaliações dos próprios estudantes envolvidos e da equipe pedagógica, que relatava posturas mais positivas em sala de aula, dos que estavam inseridos no projeto.

---

<sup>4</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais e Propostas Curriculares para a EJA do Ministério da Educação (BRASIL, 1997).

Arroyo (2005) também me ajudou a refletir mais profundamente sobre o direito a uma educação que remeta a propostas pedagógicas que incluam a expressão corporal, a arte, a emoção e valorizem a corporeidade dos/das jovens e adultos(as) e não promova um emudecimento/disciplinamento dos corpos. O tempo da vida dos sujeitos com direitos estabelecidos constitucionalmente me levou também a questionar juntamente com o autor

Por que uma educação “a seco”, à noite, após a volta do trabalho, sem música, sem canto, sem dança (grifo nosso), sem sentimento, como o é a escola das crianças? A juventude e a vida adulta devem ser vistas como um tempo de direitos humanos e também a EJA como um campo específico de educação. Porém, a visão reducionista com que, por décadas, foram olhados os alunos da EJA precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural destes tempos de vida. (ARROYO, 2005, p. 101).

No dia do aniversário da escola, em março do mesmo ano, vestidas com roupas com muito brilho e acessórios próprios da época, o grupo se apresentou de maneira alegre e festiva no turno noturno e posteriormente para as crianças e adolescentes dos turnos diurnos, na comemoração coletiva.

Foto 10 - Apresentação no dia do aniversário da escola.



Fonte: Arquivo pessoal (2004).

A canção escolhida para a coreografia<sup>5</sup> foi *Last Dance*, de Donna Summer, uma música da década de 70 que levou à realização de um estudo sobre a época das discotecas no Brasil e da melodia pela professora de inglês. Pela associação e sonorização do nome da música *Last Dance*, de Donna Summer, foi escolhido o nome para o projeto. Ao contrário de ser a “**última dança**”, tradução do título da canção, optamos por *Let’s Dance*, que se tornou um convite: Vamos dançar!

Era um convite à participação, ao movimento, à atividade física, nunca possível pela falta de tempo e espaço na escola, que devido a heranças de uma disciplina hierárquica se tornara disciplinadora e emudecedora dos corpos, com a cultura do não movimento. No entanto, utilizando as táticas, subvertendo normas institucionalizadas culturalmente e mesmo institucionalmente estabelecidas, era dada voz e vez aos corpos. Estes conseguiram falar e se declarar, apesar de historicamente silenciados (ARROYO, 2004).

O Projeto *Let’s Dance* se tornou um convite à compreensão das possibilidades individuais, à aceitação do aplauso e da valorização, a ir além das limitações impostas e aceitas ao longo da vida. A ir além das formas corporais impostas socialmente como padrão e ideais a quem desejasse dançar, à identificar a imposição de um poder castrador da fala das histórias de vida registradas nos corpos, pois a escola matinha como padrão de bom aluno a imobilidade. Era um convite para realizar, falar e construir através da expressão corporal, o conhecimento e a possibilidade do contato com a cultura artística. A arte do corpo falando, se expressando, manifestando seus sentimentos e emoções. Os homens, no entanto, ainda resistiam ao convite.

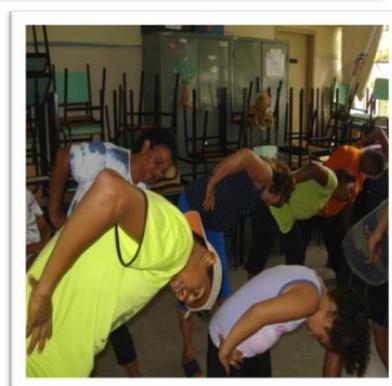
O Projeto *Let’s Dance* é uma expressão de “como cotidianamente são enredados os conhecimentos e realizados os currículos”, como me auxiliam a pensar Alves e Oliveira (2008, p. 11). A dança, uma das linguagens da Arte e conteúdo da Educação Física que, mesmo legislada, é excluída da EJA, o que expõe o pensamento hegemônico que aponta que a modalidade deve ter uma característica compensatória e supletiva, privilegiando a escrita e a leitura. Alves (2008, p. 15) me ajuda a descrever o Projeto *Let’s Dance* como um modo diferente e variado de **fazerpensar** que levou a questionar os caminhos já sabidos e enveredar a desbravar novos caminhos para sua efetivação. Para sua realização, novos **espaçostempos** na escola foram apropriados. As salas de aula eram o único local possível e disponível para as aulas. O grupo, em

---

<sup>5</sup> Autoria da professora Janice Reis, da RME-BH.

colaboração, amontoava as carteiras nos cantos da sala, logo após o término das aulas do turno, quando era realizada sua limpeza. Os calçados eram deixados no corredor, para manter o piso limpo e, assim, utilizá-lo para os exercícios de alongamentos.

Foto 11 – Exercícios de alongamento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foram utilizados estímulos sonoros como referência para o movimento corporal, mas também utilizados os “sons” do silêncio, “pois no silêncio existem ritmos (internos e externos) que podem e devem ser explorados”, como especificado nos PCN (BRASIL, 1997, p. 69).

Com a diversificação dos gêneros musicais, a partir do interesse do grupo e do Calendário Pedagógico, foram realizadas composições coreográficas, explorando ao máximo os movimentos e gestos simples, num exercício de inventividade e o Projeto Let's Dance passou a se apresentar nos eventos escolares de maneira frequente, tanto no turno noturno, quanto nos turnos diurnos.

Foto 12 – Apresentação em um evento da escola.



Fonte: Arquivo pessoal (2007).

Eram atividades que, sem negar as histórias de vida dos sujeitos, contribuíram para o sentido emancipador da escola e valorizaram o que trazem para o cotidiano aqueles que são "comumente" excluídos socialmente, que fazem parte da camada econômica, política, cultural e social menos favorecida, em sua maioria.

Em agosto de 2004, o Projeto Let's Dance participou da IX Mostra Plural - Horizontes da Cidadania, onde os(as) professores(as) e estudantes de toda a rede de educação divulgavam seus trabalhos e produções pedagógicas no Parque Municipal Américo René Giannetti, área central de Belo Horizonte.

Magna, uma das integrantes do projeto, foi entrevistada por estudantes do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais. A entrevista foi publicada no Jornal

da PUC Minas, e Magna dizia da alegria de retomar aos estudos e de ter a possibilidade de dançar na escola. O título do artigo publicado exprimiu claramente nosso trabalho: “Aprendizado para além da sala de aula”.

Foto 13 – Entrevista “Aprendizado para além da sala”.



Fonte: Jornal da PUC Minas (2004).

Também participamos nos dois anos subsequentes da X e XI Mostra Plural, compartilhando o aprendizado da dança, como parte da formação ampla na EJA. Uma camiseta e um boné com a logomarca do projeto compuseram o uniforme em 2005 e em 2006, quando levamos ao evento coreografias construídas no subprojeto Kizomba, que foi efetivado no segundo semestre daquele ano, contemplando a lei 10.639. Contamos com a presença na escola da coreógrafa e bailarina, Marlene Silva<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Precursora da dança afro em Minas e que assinou a dança das mucamas do filme Xica da Silva, do diretor Cacá Diegues (1976).

Foto 14 – Mostra Plural.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

O número de participantes cresceu, e assim as aulas passaram a ocorrer no ginásio da escola, um novo espaço apropriado pelos sujeitos da EJA.

Foto 15 – Aula no ginásio da escola.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

A culminância do subprojeto Kizombaocorreuno evento aberto à comunidade, denominado “Manifestações Culturais e Artísticas Afro-Brasileiras”, se repete todos os anos no dia 20 de novembro, contando com apresentações artísticas e de outros grupos de dança e percussão convidados. Quilombolas da Comunidade Afrodescendente Mangueiras<sup>7</sup> também estiveram presentes, e oficinas de máscaras africanas em argila, maquiagem e penteado foram realizadas.

Foto 16 – Parque Jardim Belmonte. Evento: Páscoa da Paz.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

Alçando voos, dando voz ao corpo para além dos muros da escola, atendemos ao convite do Parque Escola Jardim Belmonte, onde funcionava “Projeto Forma Cor Ação”, que tinha na arte o prumo para o desenvolvimento de atividades com as comunidades circunvizinhas. A mensagem a ser divulgada era a paz, pois o parque é localizado numa área onde se registravam altos índices de violência. Atendido o convite, tal experiência favoreceu o sentimento das alunas de dividirem o seu aprendizado da expressão corporal em outros espaços e com outros sujeitos.

Dois anos de Let’s Dance e o primeiro rapaz se inscreveu, ele ficou por pouco tempo, mas motivou outros a participarem. No mesmo ano, o projeto passou a fazer parte da carga horária das aulas de Educação Física e mantendo ainda um horário de 18 as 19 horas. Foi votada e aprovada

---

<sup>7</sup> O contato com o Quilombo Mangueiras se deu através do Projeto Tecendo a Nossa História – Subprojeto Quilombos de Minas.

na Assembleia Escolar sua integração ao Projeto de Ação Pedagógica (PAP)<sup>8</sup>, dentro do eixo Arte e Cidadania, passando a receber verbas específicas para aquisição da materialidade necessária.

Visando possibilitar a experiência e a socialização em outros espaços culturais, os integrantes do projeto foram conduzidos a um ensaio da Cia. de Dança Palácio das Artes, como também a espetáculos de dança naquela casa.

Foto 17 – Aniversário da escola.



Fonte: Arquivo pessoal (2005).

Em 2006, o Let's Dance, único projeto de expressão corporal na modalidade EJA na RME-BH, recebeu o “Prêmio Paulo Freire” da Secretaria Municipal de Educação de BH, um reconhecimento de iniciativas pedagógicas diferenciadas. E em 2007 e 2009, a EMJMMG recebeu o Selo Escola Solidária, pelo Projeto Let's Dance. O Selo Escola solidária é um prêmio nacional concedido a cada dois anos pelo Instituto Faça Parte, em parceria com o MEC, o CONSED, a UNDIME e a UNESCO.

---

<sup>8</sup> Projeto da Secretaria Municipal de Educação - BH, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação, libera verbas para projetos pedagógicos e aquisição de recursos, melhoria das instalações escolares.

Foto 18 – “Prêmio Paulo Freire”.



Fonte: Arquivo pessoal (2006).

Em 2009, outros alunos e alunas do turno diurno passaram a participar do projeto, acompanhando suas mães, tias, avós, possibilitando uma integração intergeracional e, por isso, recebemos o convite do programa Dedo de Prosa, da TV Horizonte<sup>9</sup>.

Desde o seu início e pelos anos em que se efetivou, o Projeto Let's Dance contemplou o apontado pelos PCN, que determinam que o/a aluno/a deve ser capaz, entre outros objetivos, de utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal (grifo nosso) – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (PCN, 1990).

---

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://www.programadedodeprosa.com.br/default.asp?pag=p000036>>.

Foto 19 – Sarau Junino do Enamorado.



Fonte: Arquivo pessoal (2007).

Foto 20 – Excursão Diamantina – MG. Estrada Real, Estrada dos Diamantes.



Fonte: Arquivo pessoal.

Diálogos entre os diferentes conhecimentos na escola vêm possibilitando criações curriculares cotidianas, ricas em experiências significativas para os jovens e adultos, que no seu retorno à escola ainda se vem e ainda são vistos, hegemonicamente, como alvo de uma educação compensatória, supletiva e bancária. Desinvisibilizar e revalorizar conhecimentos, “possível por meio de diálogos entre saberes e suas possibilidades de uso” (OLIVEIRA, 2012), favorece um novo olhar sobre a EJA e toda a sua especificidade. A autora me ajuda a (re) significar as

experiências narradas neste texto, identificando nelas um caráter emancipatório, pela “indissociabilidade **prácticoteoriaprática**” e da **reflexãoação**.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.
- ARROYO, Miguel González. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio et al (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: Edusp, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental do MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC, 1997.
- CERTEAU, M: **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CARVALHO, Rosa Malena. **Corporeidade e cotidianidade: interfaces na formação de professores**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GONÇALVES, Rafael Marques. **Práticas cotidianas na/da educação integral**. Juiz de Fora, MG: Editar Editora Associada, 2013.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, n. 19, p. 20-28, jan. 2002.
- MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2007.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DP et Al., 2012.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.